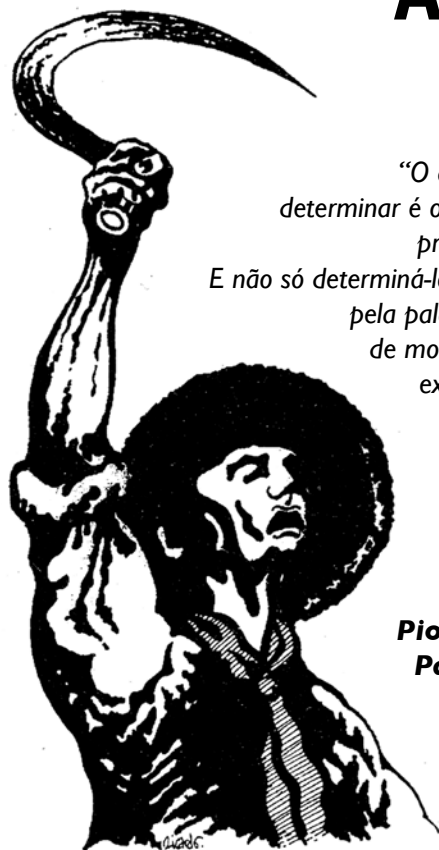


No.142
ANO 19
JAN-JUN/2009
F.A.R.J.



INFORMATIVO DA FEDERAÇÃO ANARQUISTA DO RIO DE JANEIRO - FARJ
farj@riseup.net - http://www.farj.org - Cx. Postal 14576 - CEP 22412-970 - Rio de Janeiro/RJ - Brasil

AGRICULTURA ECOLÓGICA COMO FERRAMENTA DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL



“O que nos interessa determinar é o objetivo que nos propomos alcançar. E não só determiná-lo, mas assinalá-lo pela palavra e pelos atos, de modo a torná-lo, por excelência, popular, tão popular que no dia do movimento escape por todas as bocas.”

**Piotr Kropotkin,
Palavras de um
Revoltoado**

Atualmente, quase a totalidade dos alimentos consumidos no mundo é proveniente da agricultura (incluindo-se a pecuária, a pesca e o extrativismo). Grande parte desse alimento é obtida pelo agronegócio, que é a produção de alimentos levando em consideração apenas as relações comerciais e industriais que envolvem a cadeia produtiva. É a agricultura capitalista, em que a comida deixa de ser um direito universal e passa a ser tratada apenas como mais uma mercadoria.

Este modelo de produção agrícola cartesiano, simplista e reducionista firmou-se em diversos países pobres por volta dos anos 70 numa estratégia mundial conhecida como “Revolução Verde”, que consistiu na introdução da lógica da produção capitalista na agricultura dos países “subdesenvolvidos” da época (entre eles o Brasil). Através da implantação de órgãos governamentais de pesquisa agropecuária e de extensão rural

nesses países e visando o desenvolvimento da economia, a agricultura de mercado era disseminada, em detrimento da agricultura familiar “atrasada”. Viu-se então, ao longo de quatro décadas, a transformação da realidade do campo, de uma agricultura de base familiar e sustentável, para uma agricultura intensiva baseada no mercado globalizado, extremamente dependente de recursos e tecnologias externas, de altíssimo custo e controlada pelas multinacionais.

Uma das principais justificativas para a implantação desse modelo foi a erradicação da fome. Na época, existiam 80 milhões de famintos no mundo, e a população continuava a crescer. Para alimentar essa massa crescente era preciso aumentar a produtividade, o que somente seria possível, segundo os partidários do capital, pela modernização e industrialização da agricultura. Dessa forma, o pacote tecnológico contendo maquinário agrícola, fertilizantes químicos, agrotóxicos, sementes industriais e engenharia genética foi amplamente difundido para garantir as insustentáveis produções, possíveis através dos latifúndios, da monocultura e da exploração indiscriminatória do trabalho e dos recursos naturais. A partir do estabelecimento deste cenário, facilitado pelo Estado, burguesia e universidades, a permanência dos trabalhadores rurais no campo foi se tornando cada dia mais insustentável. O mercado privilegiava somente os grandes produtores, a terra foi sendo tomada para expandir as monoculturas e, como se não bastasse, os órgãos governamentais de apoio aos pequenos agricultores agora exigiam o uso de insumos industriais, que além de serem caros, traziam doenças ao homem e à natureza. Data desta época o inchaço das favelas e periferias das grandes cidades e até hoje o cenário permanece, trazendo aos explorados a morte ou por bala ou por veneno.

Inúmeros foram os resultados da Revolução Verde: perda de área agricultável por erosão ou salinização, degradação e compactação dos solos, diminuição da

biodiversidade, contaminação das águas superficiais e subterrâneas, desmatamento e queimadas para abertura de novas fronteiras agrícolas, aumento do aquecimento global, expulsão dos trabalhadores do campo, dependência tecnológica, aumento dos preços dos alimentos, envenenamento do ambiente e dos seres humanos, aumento do número de suicídios no campo, aumento da violência, etc. Porém, o principal resultado da Revolução Verde foi, ao contrário do que era alardeado pelos seus entusiastas, o aumento significativo da fome mundial. 2009 será o ano em que o número de famintos no mundo ultrapassará 1 bilhão de pessoas. Essa insegurança alimentar é fruto da especulação e da ganância do capitalismo. Atualmente, existe suficiente terra, água e energia para bem alimentar mais do que o dobro da população humana. Nunca se produziu tanto alimento como nos séculos XX e XXI. A população pobre não consegue ter acesso a esses alimentos por falta de terra para produzi-los ou por falta de recursos financeiros para comprá-los.

Se por um lado o agronegócio traz dor, sofrimento, morte e destruição aos explorados, de outro traz às elites brasileiras o tão desejado progresso. Segundo o MAPA[1], a safra de 2007 foi recorde, atingindo 131,5 milhões de toneladas de grãos. As exportações do agronegócio totalizaram recorde de 71,9 bilhões de dólares em 2008, com um superávit recorde da balança comercial do setor de 60 bilhões de dólares.

Em resistência a este modelo que serve apenas aos poderosos, diversas organizações populares viram-se na extrema necessidade de manifestar seu repúdio a mais este absurdo. Desde o momento em que essa exploração se instaurou, discute-se a necessidade de uma outra forma de relacionamento com a natureza para a obtenção dos alimentos. Assim, surgiu a idéia da Agricultura Ecológica, que se difere da agricultura convencional do agronegócio por se pautar em um processo de trabalho e produção que visa a não

“Nada é mais falso do que crer que os objetivos e as intenções são uma coisa, os métodos e as táticas outra coisa.”

Emma Goldman

exploração dos trabalhadores, a universalização das terras e dos recursos, a recuperação ambiental, a garantia de acesso a um alimento saudável para todos os produtores e consumidores e a melhoria da qualidade de vida da população do campo e da cidade, tendo como finalidade a promoção da “saúde integral do homem” e do “bem-estar da natureza”.

Ao processo de reconversão da agricultura ao seu aspecto original chamamos transição agroecológica. Uma das formas de se estimular esse processo é através da criação de redes para fortalecimento dos produtores já engajados nessa luta. O estado do Rio já foi palco de algumas tentativas de constituição de redes de articulação local e nacional em prol do que hoje conhecemos por Agroecologia, o que nos remete a iniciativas de organização que tiveram lugar na capital do estado nos anos 70, com experiências como a ABIO (Associação de Agricultores Biológicos), a COONATURA (Cooperativa de Consumidores de Produtos Naturais) e o GAE (Grupo de Agricultura Ecológica). Foram esses os primeiros grupos de contestação à agricultura convencional no estado. Paralelamente, houve a realização do Encontro Brasileiro de Agricultura Alternativa (1984) e do Seminário Nacional de Agricultura Alternativa (1994). Em meio a esse movimento pró-Agroecologia, foram protagonistas as ocupações de terra nos anos 80 pelos movimentos sociais do campo, que foram se transformando em assentamentos e experimentando práticas agroecológicas. Todas essas experiências tinham como um desafio comum o estímulo às práticas agrícolas que se baseassem no relacionamento com o meio ambiente a partir dos princípios ecológicos e que, ao mesmo tempo, fortalecessem a organização política dos agricultores e seu papel de atores de seu próprio desenvolvimento.

Em 2005, um grupo de indivíduos, movimentos e organizações da sociedade civil do campo agroecológico no estado do Rio de Janeiro se mobilizava para a participação no II Encontro Nacional de Agroecologia, em Recife-PE. Esse processo culminou na formação do que hoje se chama Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro. Com a proposta de ser uma grande rede de apoio mútuo entre experiências agroecológicas no estado, a Articulação vem se consolidando tanto como um espaço a favor da agroecologia, como um pólo de luta contra os absurdos do agronegócio, a política neoliberal do Partido dos Trabalhadores, os interesses dos latifundiários e da indústria química e alimentícia.

Os princípios que regem a Articulação estão fundamentados na troca de experiências e no diálogo de saberes. Todo o debate técnico e político realizado em meio às reuniões organizativas e de trabalho da AARJ se dá a partir da sistematização dos conhecimentos construídos pelas experiências práticas autogeridas e agroecológicas que se desenvolvem em nosso estado. Nos encontros da Articulação não se vêem bandeiras de partidos políticos, e muito menos as excessivas propagandas de programas estatais que usualmente nos cansam as vistas. É óbvio que não se trata de uma posição “apolítica ou antipartidária”, ou mesmo, “de negação do Estado” por parte dos componentes da

Articulação. Trata-se, entretanto, da compreensão de que, enquanto agricultores em meio a uma sociedade de classes, estamos todos no mesmo “partido”, junto aos explorados. Esta compreensão do princípio do classismo e da ecologia por parte da Articulação não impede que tenhamos diferentes propostas sendo avaliadas e em permanente relação de contato, conflito e acordo. Reconhecemos a necessidade de um debate político profundo e sincero que objetive o fortalecimento da própria rede e de todos os grupos envolvidos. Atualmente predomina a valorização de cada realidade e de cada barreira vencida, pluralidades que compõem um cenário onde não existem líderes ditando o caminho a ser seguido. O movimento segue unido, derrubando muro após muro, cerca após cerca e crescendo a cada passo.

Ao longo de sua breve trajetória, a Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro conta com mais de vinte organizações, e já identificou e fortaleceu mais de cento e cinquenta experiências de agricultores ecológicos no estado, construindo uma grande rede de relações em seis regionais diretamente articuladas: Costa Verde, Vale do Paraíba, Metropolitana, Norte Fluminense, Serramar e Serrana. A AARJ conecta-se com outras Articulações estaduais formando a Articulação Nacional de Agroecologia, em uma estrutura semelhante a uma federação, onde os representantes locais comunicam-se com a representação estadual que por sua vez dialoga com a unidade nacional, preservando as especificações de cada região. A face nacional do movimento não impõe deliberações às organizações locais valorizando a realidade e a diversidade de cada região.

A identificação, a sistematização e o mapeamento das experiências, assim como a realização de encontros, espaços de formação e visitas técnicas, apresentam-se como importantes ferramentas para o fortalecimento da agricultura familiar de base ecológica. Dessa forma, estimula-se a união entre os agricultores, possibilitando o estabelecimento de diálogos e saberes de forma horizontal. No fim de 2008 foram organizados encontros nas regionais do estado; o encontro metropolitano contou com a participação de mais de duzentos agricultores ecológicos da região.

Distante de um mero caráter reformista, as atividades desta rede não se resumem a buscar incessantemente financiamentos ou políticas públicas, o que drenaria a energia utilizada no fortalecimento de cada experiência e sufocaria boa parte da autonomia dos coletivos. Até porque o movimento não depende exclusivamente do mercado (pois estimula a organização de feiras), não se baseia nas imposições das certificações do estado (pois discute a aproximação produtor-consumidor) e definitivamente não depende de técnicos (pois resgata a sabedoria popular). Esta estratégia de organização vem garantindo ao movimento agroecológico na cidade do Rio de Janeiro a coerência necessária para embasar seu discurso em oposição às alianças entre as grandes empresas e os estados nacionais. A Articulação mostra sua combatividade ao prestar apoio e estar diretamente relacionada às vitórias nas lutas dos movimentos sociais do campo e da cidade. Integramos a regional Metropolitana da Articulação,

através de nossa militância no Núcleo de Alimentação e Saúde Germinal e na Cooperativa de Trabalhadores em Agroecologia Floreal. Em nossa breve trajetória podemos afirmar que, através do fortalecimento dos movimentos sociais e de suas iniciativas, tais como a AARJ, seguiremos acirrando a luta de classes e ajudando a construir a organização popular. A Agroecologia caminha rumo a um modelo de produção onde a morte dos trabalhadores não seja inerente ao processo produtivo e onde as cercas não dividam os famintos dos abastados. A autogestão dos meios de produção e as relações de troca e comercialização de produtos ecologicamente seguros, economicamente viáveis e socialmente adequados, apesar dos limites postos pelas estruturas de poder do capitalismo, já vem sendo construída ao redor do mundo pelas classes exploradas, podendo transformar-se em uma perspectiva de ruptura radical caso o desejo destes movimentos aponte neste sentido.

Para nós a Agroecologia busca estabelecer um contraponto à agricultura capitalista e à sociedade burguesa, repudiando a concentração de terras nas mãos dos latifundiários e a dependência do mercado financeiro, assim como o monopólio das sementes mantido pelas multinacionais através das leis de patentes, do cultivo de transgênicos e do uso de agrotóxicos. Hoje, em meio à realidade que vivemos, de roubos dos recursos naturais mascarados em privatizações e estatizações, acreditamos que ao dialogarmos com os trabalhadores sobre o processo de construção de redes de apoio mútuo, a sociedade poderá ser transformada através de seus movimentos organizados, produzindo vida e harmonia, diversidade e justiça.

Quando o campo e a cidade se unir, a burguesia não vai resistir!!!

[1] - Ministério da Agricultura, Pesca e Abastecimento



Biblioteca Social Fábio Luz

Fundada em 18 de novembro de 2001

Nosso acervo compreende livros sobre anarquismo, mov. operário, biografias, história, filosofia, literatura, ciências sociais. Além de periódicos, jornais, fanzines, vídeos e venda de livros.

Rua Torres Homem 790, Vila Isabel - CCS/RJ
sábados de 09h às 17h
fabioluz@riseup.net

Subscrição do Libera

Os seguintes companheiros contribuíram com o Libera:

Alga	Emá e Seu Antenor
Fontes	Rede de Apoios
Henrique	Rum
Rudesindo	Anarcoagro
CALC	Khaled
Vasili	Tomás
Caralâmpio	

Apoie você também!
farj@riseup.net

Tiragem: 3.000 exemplares.

Os textos assinados não necessariamente refletem a opinião da FARJ

MTD-RJ: Histórico e Conjuntura

Federação Anarquista do Rio de Janeiro - FARJ

O Movimento dos Trabalhadores Desempregados (MTD) é uma organização popular de trabalhadoras e trabalhadores desempregados, que se constitui em âmbito nacional e possui a centralidade de suas lutas na questão do trabalho. No Rio de Janeiro reorganizou-se a partir de 2008, ano em que fomos convidados a compor as fileiras do movimento para auxiliar em sua reconstrução. Este processo culminou no fórum estadual do MTD-RJ realizado no complexo da Maré e cujo resultado encontra-se definido em sua carta de princípios e em seu manifesto, traduzido ainda em práticas políticas e sociais concretas.

Com base nisto, o movimento afirma-se e define-se como mais uma força capaz de realizar por suas próprias mãos a transformação da realidade, que é cheia de desigualdade, exploração, injustiça e violência: organizando núcleos de ação comunitária para a mobilização política e cultural dos moradores, geração de trabalho cooperativo, de renda, e de alternativas para moradia popular (organização de ocupações urbanas e assentamentos). A partir da articulação entre os núcleos de base, geridos pelos moradores das comunidades inseridas na organização no Rio de Janeiro, o MTD busca ainda ações integradas com os demais movimentos populares para a resistência contra as políticas dos governos e da elite econômica (em atos, manifestações e ocupações) que afetam a classe trabalhadora.

Defendemos como anarquistas dentro do movimento, que a aparente falta de habilidade do povo para a luta, muitas vezes sublinhada pelos partidos da esquerda burocrática, respaldados na tese de uma crise do pensamento socialista marxista, não dá conta dos fatos sociais mais concretos. A apatia de uma grande parcela dos oprimidos não se constitui apenas como produto da ofensiva ideológica das elites dominantes, mas se configura como o resultado de metodologias equivocadas desta mesma esquerda burocrática que prioriza os aportes da autoritária teoria da “vanguarda” e despreza o conjunto de trabalhadores precarizados e oprimidos que não está no chão de fábrica ou dentro das empresas, submetido diretamente à exploração patronal.

O MTD-RJ a partir da visualização destas contradições e ausências da esmagadora maioria da esquerda burocrática dos chamados espaços “periféricos” de luta (favelas, ocupações, assentamentos), investe na organização dos núcleos de trabalhadores desempregados nestes locais, defendendo que a mobilização dos trabalhadores e trabalhadoras aconteça em todos os espaços onde estejam sendo oprimidos, e que a constituição da organização popular seja o nosso objetivo principal. Somente através dela é que conseguiremos trabalho, moradia, dignidade e justiça. O movimento defende a autogestão dos meios de produção, a autonomia das organizações e o federalismo. Apóia todos os outros movimentos classistas que se

organizem pela base trabalhadora, principalmente os que atuam de forma horizontal e antiautoritária.

A dificuldade em não reduzir as lutas a meras agendas pontuais e inseri-las num processo mais amplo de transformação, passa por uma intensa atividade de formação que estamos nos esforçando para construir. A Universidade Popular, fórum em que também estamos presentes, conta com a presença do MTD-RJ, da Assembléia Popular, da Frente Internacionalista dos Sem-Teto e outras organizações populares do Rio de Janeiro que congregam modestamente estes esforços em seus cursos de formação política, econômica, ecológica e social.

Em harmonia com o já citado, o MTD tem realizado seus cursos de formação, atividades culturais e artísticas, apoiando a construção de projetos de geração de renda e trabalho que se articulam com as seguintes atividades: mobilização cultural a partir de apresentações de Hip Hop pelo grupo de rap *Us Neguin Q Não C Kala* (membro do MTD e do coletivo de Hip Hop *Lutarmada*) e mobilização política com cursos de formação nas Comunidades de Vila Cruzeiro, Fé e outras comunidades; mobilizações na comunidade de Costa Barros, com as atividades no Galpão “Casa das Artes Ulisses”, apoio à Biblioteca Popular Paulo Freire, ao jornal e radiodifusão comunitária “Mídia GP” e na organização de assembleias populares na comunidade do Neira; debates políticos sobre organização e mobilização cultural no bairro de Cavalcante (zona norte do Rio), em Bangu, com funcionamento de cinema itinerante, e na comunidade da Maré, com apoio ao pré-vestibular comunitário que funciona no espaço do Centro de Ações Solidárias da Maré (CEASM); ainda no apoio à mobilização política na Ocupação Guerreiros da 510 (comunidade que estava situada na Rua Gomes Freire, n.510 – Centro do Rio, despejada no mês de maio deste ano pela ocorrência de um incêndio) e Ocupação Carlos Lamarca (município de Belford Roxo - RJ). Além disso, o MTD-RJ esteve presente no excelente ato do Primeiro de Maio no Canal do Anil (2008) junto com o Conselho Popular e outros movimentos sociais; participou do Grito dos Excluídos 2008; do ato no prédio do BNDES junto com o MST (2008); apoiando as greves e campanhas dos sindicatos que lutam ao lado do movimento social, como a ocupação do EDISE e o ato na ANP junto com o SINDIPETRO-RJ (2008), brutalmente reprimida pela polícia militar; na manifestação unificada do Dia das Mulheres contra a Crise (2009); no ato unificado contra as Políticas do Governo para a Crise “Os trabalhadores não pagarão!” (2009) e na organização do Primeiro de Maio de 2009 no bairro de Santa Cruz (área dominada pelas milícias ligadas a políticos de direita e que recentemente assassinaram um militante da Assembléia Popular) e na denúncia das atrocidades cometidas pela Companhia Siderúrgica do Atrântico (CSA), contra moradores e demais trabalhadores.

Em menor grau, participamos da manifestação dos 40 anos do assassinato de Edson Luiz pela ditadura militar (2008) e da iniciativa dos estudantes na luta pela manutenção da meia-entrada, que culminou na ocupação de um cinema no bairro de Botafogo, entendendo que a solidariedade com (futuros) setores da classe trabalhadora é também fundamental para o processo de luta.

Análise da conjuntura política

Consideramos que com o governo Lula, e o ascenso de uma parcela da esquerda que acredita na mudança provocada pela conquista do aparelho estatal e da relação dependente e promíscua dos movimentos sociais com este, foi dada continuidade e aprofundamento à política de extermínio dos direitos dos trabalhadores. A partir da reforma da previdência, que levou a ampliação do tempo de serviço, a diminuição do valor das aposentadorias forçando o trabalhador a, mesmo depois de aposentado, continuar trabalhando e a política em curso de flexibilização dos direitos sociais, o trabalhador perdeu poder nas negociações por melhores salários e condições de trabalho. Aumentou assim a exploração, a desigualdade social e o desemprego. O trabalho torna-se cada vez mais precarizado e incerto e a atividade informal, talvez único refúgio do oprimido nas cidades, é brutalmente reprimida pelas polícias dos governos (Polícia Militar e Guarda Municipal).

Como se não bastasse ainda, o governo e o empresariado jogam nos ombros dos trabalhadores, desempregados ou não, o peso de uma crise econômica que não foi criada por eles. Já são milhares de desempregados, nos EUA, na Europa e no Brasil por causa da crise econômica criada pelos empresários americanos e sustentada pelo governo americano. A previsão é que esse número aumente ainda mais, pois alguns analistas afirmam que a fase mais aguda da crise ainda está por vir, o que torna ainda mais necessária a organização de todos os trabalhadores da cidade e do campo, desempregados ou não, para o enfrentamento conjunto contra as políticas e iniciativas que ameaçam a classe trabalhadora.

O que o governo oferece para o povo são as migalhas do banquete das elites, através do bolsa família, e a opressão violenta da Força de Segurança Nacional e das polícias militares que praticam uma verdadeira política de extermínio nas favelas, comunidades pobres e despejos nas ocupações. Defendemos dentro do MTD, princípio este compartilhado em consenso pelo movimento no estado do Rio de Janeiro, que a opinião dos trabalhadores traduzida nas urnas resulta em poucos resultados práticos, no sentido de alterar a condição de exploração a qual é submetida a nossa classe. Somente a partir da organização popular, traduzida em seu caráter mais claro de ação direta e enfrentamento em grandes e expressivas mobilizações, é que conseguiremos constituir a força política necessária para efetivação de nossos desejos.

LUTA! TRABALHO! DIGNIDADE!



NOTÍCIAS LIBERTÁRIAS

Compas que se foram: Desde o final do ano passado, três companheiros nos deixaram. No dia 16 de novembro de 2008, faleceu em Caracas, vítima de um enfarte aos 69 anos, o compa uruguaio **Rubem Prieto**, um dos fundadores e principais animadores da Comunidad Del Sur, fundada em 1955. Rubem exilou-se durante a ditadura, indo viver primeiro no Peru e depois na Suécia. Esteve no Rio de Janeiro algumas vezes nos anos 90 e participou de algumas atividades do CELIP. Aos seus filhos e companheiros da Comunidad Del Sur e do Editorial Nordan enviamos nosso fraternal abraço. # No dia 14 de fevereiro faleceu **Luís Andrés Edo** aos 83 anos. Edo nasceu em Cespe, pequeno, foi com a família para Barcelona, tendo sido educado na Escuela Nueva Unificada, durante o período revolucionário. Atuou clandestinamente contra a ditadura franquista e passou muitos anos em diversas prisões fascistas. Membro da CNT, um dos seus principais historiadores e autor de vários livros, entre estes *La CNT em La Encrucijada* (2006). Edo esteve no Brasil no início dos anos 90 junto com sua companheira Dóris, e nos brindou por alguns dias com sua inteligência e simpatia. A Dóris enviamos nosso abraço carinhoso. O periódico *Solidaridad Obrera* publicou uma homenagem ao companheiro, que pode ser acessada em <http://www.soliobrera.org/ultmanoticia.html> # No dia 13 de abril, morreu aos 87 anos **Abel Paz (Diego Camacho)**, militante da CNT, ex-combatente da Coluna de Ferro e um dos maiores historiadores da Revolução Espanhola, autor da biografia de Buenaventura Durruti. Exilado na França em 1939, engajou-se na resistência ao franquismo e ao nazismo, tendo sido preso duas vezes na Espanha por sua atividade anti-fascista. Em 1997, ele disse: *Llevar las ideas a la práctica al máximo, sin esperar que haya una revolución*. Pois então, mãos à obra!

Programa da FARJ em livro: O documento “Anarquismo Social e Organização” foi aprovado no I Congresso da FARJ, em agosto de 2008, realizado com o principal objetivo de aprofundar nossas reflexões sobre a questão da organização e formalizá-las neste programa. Desde 2003, este debate vem acontecendo dentro de nossa organização. Produzimos materiais teóricos, apuramos nossas reflexões, extraímos ensinamentos de erros e acertos de nossa prática política e foi se tornando cada vez mais necessário aprofundar o debate e formalizá-lo, difundindo este conhecimento, tanto interna quanto externamente. O Programa formaliza nossas posições após todas estas reflexões. Mais do que um documento puramente teórico, ele reflete as conclusões realizadas após 5 anos de aplicação prática do anarquismo nas lutas sociais de nosso povo. Você pode baixar o Programa em PDF no link: “Nossos Textos e Documentos”, no site da FARJ (www.farj.org). Caso queira você pode adquiri-lo em formato de livro. Para isso entre em contato com a Cooperativa Faisca, no endereço vendasfaisca@riseup.net. Boa leitura!

Neno Vasco: Depois da reedição (fac-similada) de *O Socialismo Libertário ou o Anarquismo*, de Silva Mendes, a primeira obra teórica de vulto sobre anarquismo que se publicou em Portugal, «Letra Livre» dá-nos agora a biografia de uma das grandes figuras do anarquismo luso-brasileiro, tanto do ponto de vista intelectual como do de atividade militante e, acima de tudo, como exemplo de exigência ética. Este laborioso trabalho de pesquisa empreendido por Alexandre Samis procurou, para além de uma exaustiva pesquisa sobre a vida e obra do biografado, situar essa vida nas condições econômicas, políticas, sociais e intelectuais da sua época, tanto em Portugal como no Brasil e, em menor medida, no resto do mundo. Neno Vasco que nasceu em Penafiel (1887), foi aos 9 anos com o pai e a madrastra para S. Paulo, onde se demorou cerca de dois anos, quando o Brasil ainda era uma monarquia, e regressou a Portugal para frequentar o liceu (Amarante) e o curso de Direito (Coimbra) onde se graduou em 1901. Em dezembro desse mesmo ano voltou ao Brasil, já então uma República, onde desenvolveu a atividade militante que iniciara em Coimbra e no Porto. Aí constituiu família, regressando a Portugal em 1911, donde se ausentara no reinado de D. Carlos e que era então uma jovem República. Também aqui um interessante paralelismo entre a evolução política nos dois países. Em Portugal prosseguiu intensa militância, nomeadamente através de constante participação na imprensa operária e libertária. Veio a falecer de tuberculose, algum tempo depois da esposa, a 15 de setembro de 1920. A sua atividade militante decorreu em partes iguais no Brasil e em Portugal, uma década em cada um deles, embora na realidade ele tivesse sempre mantido uma participação ativa na imprensa portuguesa quando vivia no Brasil e na imprensa brasileira quando vivia em Portugal. Dificilmente poderia Alexandre Samis escolher melhor exemplo de militante luso-brasileiro. Mas talvez a faceta mais aliciante do livro seja a permanente correlação entre a vida, evolução ideológica e atividade militante de Neno Vasco e as circunstâncias históricas e o ambiente social em que a sua vida e ação decorreram. Essa recriação pormenorizada do meio implicou um enorme trabalho de investigação, com recurso às mais variadas fontes (jornalísticas, literárias, históricas, econômicas, sociológicas, correspondência, etc.) que exigiu a consulta não apenas de arquivos nacionais de Portugal e Brasil mas também de arquivos estrangeiros. O caráter erudito desta obra, que foi a sua tese de doutoramento, não apaga a fluidez e vivacidade da biografia, que se lê de um fôlego com curiosidade e interesse constantes. Não podemos deixar de acrescentar também uma palavra de reconhecimento à Livraria «Letra Livre» por esta meritória iniciativa editorial. *Minha pátria é o mundo inteiro: Neno Vasco, o anarquismo e o sindicalismo revolucionário em dois mundos*, de Alexandre Samis, Letra Livre, Lisboa, 2009, 455 págs. Esta obra também pode ser obtida através da Cooperativa Faisca.

Proudhon 200 anos: Agente de toda uma militância e de um vasto pensamento libertário, na verdade o fundador do que hoje se compreende como anarquismo, Pierre Joseph Proudhon teve os 200 anos de seu nascimento (que aconteceu a 14 de janeiro de 1809) lembrados no *Colóquio 200 Anos de Proudhon*. O evento foi realizado nos dias 26 e 27 de maio no auditório da Biblioteca Central da UNIRIO e na sala Evaristo de Moraes, do Arquivo da Memória Operária do Rio de Janeiro (AMORJ) no IFCS/UFRJ. Sua organização esteve a cargo de comissão composta pelo Núcleo

de Pesquisa Marques da Costa (NPMC), CIRA-Brasil, do Grupo de Estudos de Anarquismo da UFF, do Núcleo de Estudos em Educação Brasileira (NEB, NEPHEB/UNIRIO), do Laboratório de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e do AMORJ/UFRJ. Objeto de um “esquecimento” sistemático ou de tentativas de distorção de seus conceitos nos meios acadêmicos ou político-sociais, o anarquista de Besançon teve durante dois dias inteiros diversos aspectos de sua obra analisados, como *Proudhon e a Dialética* (pela professora da UNIRIO-NEB-NEPHEB/UNIRIO Ângela Maria Sousa Martins), *O Mito da Classe Produtiva em Proudhon* (por Leo Vinicius Maia Liberato, pós-doutorando da USP), *A Contribuição de Proudhon para o Brasil* (por Milton Lopes, jornalista, pesquisador do anarquismo, integrante do NPMC e do CIRA-B), *Crítica à Propriedade pelos Movimentos Sociais* (por Rafael Borges Deminicis, mestrando da Universidade Estadual do Norte Fluminense e membro fundador do GEA-NEC-UFF), *Proudhon e a Franco-Maçonaria* (por Robledo Mendes da Silva, mestrando em educação pela UNIRIO, membro do NPMC e do CIRA-B), *Proudhon e a Educação* (por Silvério Augusto Moura Soares de Sousa, mestre em educação pela UNIRIO).

I Encontro Libertário Anarquismo e Movimentos Sociais: Aconteceu em Fortaleza, entre 8 e 11 de dezembro de 2008, este encontro promovido pela *Organização Resistência Libertária* (ORL). O encontro contou com a participação de militantes anarquistas, de movimentos sociais, pesquisadores e simpatizantes, que ao todo somaram mais de uma centena de participantes. Houve quatro dias oficinas, debates, discussões, palestras, exposições, atividades culturais e encontros informais em torno de temas como anarquismo social, educação libertária, mídias independentes, movimentos sem-teto e luta pela moradia, ecologia social, movimento estudantil, organização libertária, resistência étnica, luta anticapitalista, etc. A FARJ participou de todo o evento, além de ter entrado como organização de apoio. Desejamos muita força à construção do anarquismo organizado realizada pelos compas de Fortaleza!

II Encontro Pró-FASP: Acontecerá em São Paulo, nos dias 18 e 19 de julho de 2009, o segundo encontro pela *Federação Anarquista de São Paulo* (FASP). A proposta deste encontro é de apresentar e discutir sobre as experiências do coletivo e os trabalhos realizados até o momento, convidando novas/os companheiras/os à participação. Para isso contará com uma exposição de teoria e prática da Pró-FASP, discussões de conjuntura, participação de nossa organização (FARJ) e da *Federação Anarquista Gaúcha* (FAG). A organização deverá ser fundada ainda no segundo semestre de 2009. Desejamos todo sucesso para este II Pró-FASP!



ENDEREÇOS LIBERTÁRIOS: FARJ 2 CP 15001. CEP 20155-970. Rio/RJ * BRASIL: Organização Resistência Libertária resistencia@riseup.net * Pró-Federação Anarquista de São Paulo www.anarquismosp.org * Fórum do Anarquismo Organizado (FAO) www.vermelhoenegro.org * FAG vermelhoenegro.org/fag * Rusga Libertária <http://rusgalibertaria.blogspot.com> * Coletivo Anarquista Zumbi dos Palmares (CAZP) www.cazp-al.blogspot.com * ÁFRICA DO SUL: Zabalaza Anarchist Communist Front www.zabalaza.net * ARGENTINA: Organización Socialista Libertaria (OSL) www.osl.org.ar * Red Libertaria www.red-libertaria.net * CHILE: Organización Comunista Libertaria * Colectivo Agitación Libertaria <http://labatalladelostrabajadores.blogspot.com/> * COSTA RICA: Pró-Federação Anarquista Costarricense (Círculo de Estudios la Libertad) <http://revistalalibertad.blogspot.com> * FRANÇA: CNT Vignoles www.cnt-f.org * MÉXICO: Alianza Magonista Zapatista (AMZ) <http://espora.org/amz> * Colectivo Autônomo Magonista (CAMA) <http://espora.org/cama> * PERU: Unión Socialista Libertaria www.uslperu.blogspot.com * Qhispikay Llaqta * URUGUAI: Colectivo Pró-Organización Socialista Libertaria * Federação Anarquista Uruguaia www.nodo50.org/fau * Colectivo Socialista Libertário <http://periodicorjoynegro.blogspot.com> * EUA/CANADÁ: North Eastern Federation of Anarchists Communists (NEFAC) www.nefac.net * ITÁLIA: Federazione dei Comunisti Anarchici (FdCA) www.fdca.it * IRLANDA: Workers Solidarity Movement (WSM) www.wsm.ie * ESPANHA: CNT Espanha www.cnt.es